

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CURSO DE MESTRADO EM ECONOMIA

TEXTO PARA DISCUSSÃO Nº7  
PROBLEMAS DE TEORIA DA HISTÓRIA DA TEORIA  
ECONÔMICA

FERNANDO PEDRÃO (\*)

1781

## Í N D I C E

1. Teoria e doutrinas à luz da história.
2. O significado atual da história da teoria econômica.
  - 2.1. Uma primeira apresentação dos objetivos e do método da economia.
  - 2.2. Diversidade e traços comuns da realidade social.
  - 2.3. A profundidade da teoria e sua forma atual.
  - 2.4. A originalidade das situações históricas e a necessidade de atualização da crítica da teoria.
3. Fundamentos conceituais da história crítica da teoria.
  - 3.1. Teoria e teorias econômicas.
  - 3.2. Unidade e diversidade da temática da teoria.
  - 3.3. Continuidade e descontinuidade do pensamento teórico.
4. Algumas questões da crítica histórica da teoria.

## 1. Teoria e doutrinas à luz da história.

A história do pensamento econômico tem sido tratada, principalmente, como uma história das doutrinas econômicas, isto é, mais como um relato das formalizações de pontos de vistas sobre questões teóricas que do próprio pensamento teórico. Igualmente, tem sido uma sucessão de estruturas de pensamento que, mesmo quando afins entre si, constituem conjuntos isolados de asseverações mais que partes de um fluxo de pensamento. De um lado está o estado atual do conhecimento, ao nível do tratamento das ciências sociais em seu conjunto, e da economia restrita; e de outro lado, estão os componentes do pensamento doutrinário sobre questões econômicas que, justamente por não serem um conjunto contínuo, aparecem como um elenco de doutrinas, ou de "teorias" (1). No entanto, a economia maneja um material histórico - fatos pertinentes a situações historicamente determinadas - em que não há interrupção real alguma no fluxo e refluxo de pensamento teórico. Por exemplo, as correntes de idéias mercantilistas e protecionistas fluem e refluem sob diferentes formas, em diferentes momentos; e a separação entre a história da teoria e suas formalizações leva ao aparecimento de dogmas, à formação de áreas não racionais em estruturas de pensamento supostamente racional. Há, portanto, um problema teórico ao nível da relação entre esta sucessão de formalizações de pensamento teórico e o processo, de raiz social, de formação do pensamento teórico, no qual se sintetiza a coexistência de idealismo e realismo no campo teórico; e no qual se assinala a presença de alguns problemas atuais de teoria que só se tornam evidentes ao serem submetidos a uma análise histórica da teoria.

---

(1) *Aplica-se, exatamente, a crítica de Hagel à história da filosofia, que qualifica de "acervo de opiniões" (G.W. Hagel "heccionas sobre la historia de la filosofia" F.C.E. México, 1953, Tamo pranco, pp 17).*

Assim, a preocupação atual com a pertinência e a significância da teoria, para enfrentar os problemas sociais da economia, conduz a uma postura crítica, que tem na perspectiva histórica um do seu principal fulcro. Também, um programa de trabalho orientado a discutir a significância histórica da teoria implica, necessariamente, numa discussão metodológica mais rigorosa, dos problemas da história da teoria e das dificuldades a superar, para restaurar sua posição estratégica no debate atual da ciência social. Esta, a perspectiva em que se compara a percepção de formação do pensamento teórico e da interpretação de certos campos de problemas, como a teoria do capital e a teoria da distribuição; com a identificação de doutrinas, entendidas como consolidações de certas opções de interpretação desses problemas. A generalização da denominação da teoria às manifestações doutrinárias, significa apenas que se lhes reconhece qualidade de linguagem teórica, mas não se lhe atribue a qualidade de ser a única possível interpretação daquele problema. Cabe comentar que esta exigência, de identificação dos limites epistemológicos das doutrinas, é uma peça essencial da crítica histórica da teoria, ao registrar a diferença entre os requisitos de coerência lógica das doutrinas e os requisitos de consistência material da teoria, separando-os para posterior confronto com os problemas teóricos de crítica das doutrinas.

## 2. O significado atual da história da teoria econômica.

### 2.1. Uma primeira aproximação aos objetivos e ao método da economia.

O problema de identificação e logo, de escolha, de objetivos e método da teoria, tem sido colocado como uma opção do estudioso da história, mais do que do estudioso da teoria; e como uma escolha guiada pela busca de explicações de problemas atuais de teoria. Supostamente, o estudioso da

história da teoria adere a uma determinada posição, frente aos problemas de percepção temporalmente organizada da teoria, estabelecendo uma relação entre o conhecimento de que dispõe e a estruturação de conhecimento em que consiste a teoria. No entanto, é um problema a ser tratado em resposta a uma percepção da realidade social, por parte daquele que produz teoria e do que faz a história da teoria. Neste sentido, como o trabalho de história da teoria compreende um esforço crítico, capaz de resgatar os componentes válidos das manifestações de teoria, ele é parte do esforço de produção de teoria.

O problema resumido no binômio objetivos-métodos é, por força uma questão doutrinária: reflete o tipo de relação entre o estudioso e o objetivo de seu trabalho. A questão do colonialismo, por exemplo, é percebida de modo completamente diferente pelos povos que foram ou são colônias, pelos que tiveram ou têm colônias e pelos que nunca tiveram colônias. De modo comparável, o etnocentrismo é uma tendência fortemente associada com formas de discriminações associadas ao colonialismo, que constitui um problema prioritário para determinados povos e que sequer é percebida ou aceita por outros.

A possibilidade de que uns mesmos acontecimentos tenham significados diferentes para diferentes observadores, é uma fonte de relativização do conhecimento. É um aspecto fundamental na avaliação atual da teoria, e, principalmente, da teoria vista em perspectiva, justamente porque uma mesma observação teórica pode ter diferentes significações, se feita há cem anos num país industrializado, ou feita agora num país semi-industrializado. É o caso, por exemplo, da maneira como se vê a função da agricultura naquelas transformações da economia identificadas com a industrialização, com tudo que isso significa, em termos daquelas transformações da própria agricultura que são concomitantes com a industrialização.

A identificação de um conjunto de objetivos permanentes da ciência econômica, e dos conjuntos de objetivos que se destacam numa ou noutra circunstância, é parte de uma discussão sobre seus fundamentos, que a situa como ciência social (2). Assim, haveria uma escala de objetivos que identificam a ciência como tal; e outra que corresponde à circunstância histórica em que ela é aplicada.

- 
- (2) Em seu "Asian Drama" (Random House, New York, 1968) Gunnar Myrdal desenvolve uma discussão sobre a teleologia da economia, como fundamento de uma discussão sobre a teleologia da economia, como fundamento de uma crítica do significado da teoria. Questiona os objetivos últimos da ciência econômica, tomando-os como referências para este exame das finalidades da teoria. Chega, assim, a uma "anti-teoria", que nega validade a uma teoria pura, cujo fundamento epistemológico consiste, essencialmente, numa consistência formal que se alcança a custos de limitar-se à consistência lógica formal; e de ignorar as questões próprias daqueles objetivos últimos, inequivocamente sociais. Está claro que a crítica representada por esta anti-teoria refere-se à teoria pura, isto é, ao contexto de manifestações teóricas, formais, abstratas, que se estabelece a partir de premissas sobre a possibilidade de construir-se um conhecimento universalmente válido, derivado de conjuntos de hipóteses de primeira geração, isto é, finalmente, positivista. A crítica de Myrdal organiza-se em função da presença de um problema dominante desta época - a pobreza - que não pode ser escamoteado pela precisão formal de análises que se limitam à generalidade formal. Na verdade, como pretendemos demonstrar em trabalho anterior ("Una introducción al "Drama Asiático", ILPES, mimeo., 1970), a crítica de Myrdal aponta a um problema básico de gnoseologia da economia, em sua condição de ciência social, que se concretiza na crítica da racionalidade e do método da economia. Como faz notar Lasuen ("Misericórdia ou riqueza", Alianza Editorial, Barcelona), a possibilidade do planejamento - como a possibilidade da economia pura, poder-se-ia dizer que a crítica myrdaliana - depende de uma racionalidade *ex machina*, uma racionalidade atribuída à realidade social. Mas, justamente, como a captação dessa racionalidade é parcial e incontrolada, ela depende da consistência do conjunto de relações que constitui o modelo básico de planejamento, ou seja, depende do conjunto de definições e qualificações apriorísticas das variáveis em causa e das relações entre elas. Deste modo, aceita-se que haja continuidade entre segue

Assim se diferenciam os objetivos genéricos da ciência, dos objetivos específicos do programa de trabalho dos estudiosos. Há uma escala de objetivos que se reconhece como válida para a ciência econômica como ciência social, e outra que corresponde à inserção específica do estudioso, com o reconhecimento que lhe é disponível e sua consciência possível (3) da realidade da economia.

Numa apreciação ampla dos problemas teóricos da economia, os objetivos genéricos exprimem a noção de finalidade da ciência, entendendo-se que há certas aspirações gerais, como a de encontrar soluções de cálculo econômico no contexto do planejamento (4), inerentes à própria noção de cálculo econômico, que contêm um componente inevitável de opção. É uma questão que se manifesta nas diferentes situações em que os objetivos específicos, por vezes circunstanciais, da ciência, podem variar, mas que continuam coerentes, dada sua relação com os objetivos gerais. Assim, cabe esperar que o estudo da realidade social dos países subdesenvolvidos, além de contribuir ao conhecimento dos mecanismos de diferenciação na geração de riqueza, contribue

- 
- (2) *a racionalidade da própria interpretação da realidade social. É uma licença que se costuma tomar, subrepticamente, em nome de um suposto que a ciência admita uma racionalidade genérica, que abrange toda a problemática da percepção da realidade. No fundo, é uma violência conceitual, como demonstra Feyerabend ("Contra el método, Ariel, Barcelona, 1974), ao criticar a pretensa continuidade da racionalidade da ciência. Noutras palavras, ao admitir que as novas teorias são - ou podem ser - ad hoc questiona-se a racionalidade em forma definitiva, expondo-a aos azares das circunstâncias em que se formam as teorias.*
- (3) *Este conceito de Goldmann ("Las ciencias sociales y la filosofía", Nueva Visión, Buenos Aires, será retomado com maior detalhe, como um elemento de contraposição ao etnocentrismo, que tem caracterizado a economia.*
- (4) *Neste particular são oportunas observações de Lasuen (op. cit.) tendentes a demonstrar que essa racionalidade encapsulada dos âmbitos planejados, deve ser relacionada com a da totalidade da economia.*

também com o conhecimento de um determinado âmbito do processo social, que não é perceptível a partir do exame das transformações das economias dos países desenvolvidos que, finalmente, tem sido a principal referência factual do estudo da economia.

A clareza acerca dos objetivos é uma referência essencial para situar os problemas axiológicos da pesquisa teórica, e para estabelecer as restrições de cada programa de trabalho teórico em economia. Por extensão, é a referência aos objetivos que permite julgar a pertinência e a significância do trabalho teórico, seja em termos de diferentes atividades componentes do trabalho teórico, ou de um trabalho em relação com situações históricas concretas. A ausência destas referências e objetivos explícitos, é parte de uma justificativa para que a análise teórica se desenvolva em função de premissas derivadas, unicamente, de um quadro factual limitado aos dados daquelas situações sociais que inspiraram a formalização original da análise. Esta é, essencialmente, a crítica de Sismondi à economia clássica, posteriormente retomada, - por seu componente de crítica histórica da atualidade - por Fanon. A generalidade formalista implica numa opção tácita de objetivos: determina o programa de trabalho da ciência social em cada lugar e em cada época, terminando por reproduzir, mesmo no âmbito de análises pretensamente históricas, o processo de exclusão de referências factuais que sustenta a vertente "pura" da teoria. Finalmente, esta ausência de objetivos permite que se cobre da teoria unicamente em função de sua precisão formal, reduzindo-se a questão teórica à da forma da teoria.

Este mecanismo explica porque os problemas de método são, com frequência, tratados como de metodologia, isto é, como parte de um arsenal de métodos e de pensamento sobre métodos e ainda, como um princípio ordenador da concepção e dos usos dos métodos. É um procedimento que isola os termos



do binômio objetivos-método; e leva àquela outra suposição, de que os objetivos de "qualidade" do conhecimento das ciências sociais façam-se olhar sempre para o tipo de resultados que se alcançam nas ciências físicas, como paradigmas de objetividade e de universalidade (5).

A prioridade dada à sustentação formal do desenvolvimento da ciência social leva implícita esta suposição, de que a ciência se aproxima mais de seus objetivos quanto mais se identifica com as ciências físicas. Obviamente, há nisso uma tautologia, porque essa aproximação às ciências físicas implica numa limitação dos objetivos das ciências sociais, que ficariam limitadas à descrição dos fatos, sem o sentido de relação necessária entre eles e sem o sentido de problematicidade necessário aos contextos históricos (6). É evidente que esta preferência pela identificação entre as ciências sociais e as ciências físicas indica uma postura positivista no campo social que, ao apresentar-se como a única maneira de trabalhar as ciências sociais, transfere diversas alternativas de método para o campo dos postulados.

---

(5) *Esta identificação entre problemas da ciência social e os das ciências físicas deriva, em grande parte, de considerar-se que o método da ciência - que a qualifica como ciência - é unicamente indutivo. Daí considerar, como diz Rudolf Carnap ("Fundamentación Lógica de La Física", Ed. Sudamericana, Buenos Aires, 1969) que a "ciência começa com observações direta de fatos isolados. Não há outra coisa que seja observável. Uma regularidade de não é diretamente observável...". Uma colocação convergente com esta encontra-se em Nagel ("La estructura de la ciencia", Paidós, Buenos Aires, 1978, pp 407), que identifica las limitaciones conceptuales da ciência social com suas dificuldades para realizar experimentos análogos aos da ciência física. E finalmente, Karl Popper ("La lógica de la investigación científica", Technos, Madrid, 1978), com sua retomada de conceitos universais e conceitos individuais, níveis de universalidade e limitação da ciência pela experiência.*

(6) *O reconhecimento dos fatos como problemas é necessário, já que eles são parte de uma realidade social situada em tempo e espaço, e que guardam uma posição de sequencialidade em relação com a trajetória histórica em que estão incluídos.*

## 2.2. Diversidade e traços comuns da realidade social.

Os problemas relativos à referência factual da teoria são, portanto, essenciais à colocação da teoria social em sua situação histórica, isto é nos termos de uma relação teoria-realidade, que se modifica ao longo do tempo próprio das transformações das sociedades. Tem havido muito pouca sensibilidade para este problema de método, com a consequência de diversas omissões e imprecisões na apresentação da base factual sobre a qual se apoiam as teorizações, dificultando uma crítica apropriada da pertinência e da relevância (7) das manifestações teóricas frente aos dados da realidade.

No entanto, ao longo do desenvolvimento desta relação teoria-realidade torna-se necessário identificar, explicitamente, os mecanismos de mediação que estão incorporados à produção da teoria (8). Está claro que os produtores de teoria estão condicionados pelo perfil do conhecimento de que dispõem, ou seja, por aquelas combinações de conhecimentos e condicionamentos sociais, econômicos, políticos e cul

---

(7) Gunnar Myrdal, *op. cit.*

(8) *O exame dos mecanismos de mediação é fundamental para que se possa identificar o perfil atual de um conhecimento de uma ciência social, cujo significado depende da forma como ela é vista em retrospectiva. Como o conhecimento das ciências sociais depende das comparações sobre trajetórias históricas, é fundamental situar os limites da significação do conhecimento em relação com as possibilidades concretas de mediação dentro de uma trajetória histórica, ou entre diferentes trajetórias históricas, destarte admitindo que a validade do conhecimento pode estar limitada pelos horizontes de comparação. Este último conceito aparece denominado como a "finitude da verdade" em J. Delharme ("La pensée interrogative" Presses Universitaires de France, Paris, 1954), que estuda estas limitações destes mecanismos de mediação, como parte da própria condição histórica do estudioso.*

turais, que regulam a transmissão dos conhecimentos gerados em contextos históricos determinados. Nelas se encontram as distorções e as "retrações" das posições de historiadores em posições equivalentes e em posições diferenciadas, compreendendo as afinidades decorrentes de equivalências de posição de classe (a afinidade intelectual do Visconde de Cairú com as doutrinas de Adam Smith; e a identificação de List com o nacionalismo econômico norte-americano); e a forma como certas teorias são aclimatadas a outras circunstâncias sociais, como ocorreu com o keynesianismo de Alvin Hansen nos países latino-americanos na década de 1950.

Tacitamente, entende-se que a prioridade atribuída ao aperfeiçoamento formal frente às questões de conceito identifica-se com uma opção de objetivos implícitos de operacionalizar o funcionamento das economias capitalistas centrais e a progressão do capitalismo nas economias semi-industrializadas, ou ainda, de identificar a propagação do progresso técnico com a operacionalização das economias mais industrializadas, sejam elas capitalistas ou socialistas.

Nisto há um problema ao nível dos fundamentos da teoria, relativo aos valores sociais que são atribuídos ao progresso técnico-produção, incorporação e difusão de técnicas - no contexto das mudanças sociais concomitantes com as transformações da economia, ou seja, uma vez mais, um problema próprio da relação entre os objetivos genéricos da economia e as condições históricas concretas em que ela funciona. (Aí, possivelmente, estará a vantagem epistemológica do conceito de modo de produção que, sustentando-se sobre um condicionamento histórico pode, por isso mesmo, ser projetado a comparações entre diferentes trajetórias históricas das economias.

Essencialmente, como a teoria separa o processo de produção e consumo de técnicas, do processo de estruturação social da economia, as classificações das técnicas tornam-se uma questão não-econômica, fazendo-se impossível distinguir porque algumas técnicas são desprezadas e substituídas por outras cujo uso é mais custoso, como no caso da substituição dos moinhos de vento e moinhos de água por motores de explosão na produção de energia para uso rural local.

Nas suas vertentes históricas, a teoria tem progredido com o amadurecimento de uma consciência reflexiva de sua significação social, capaz de contribuir ao estabelecimento de postulados, e capaz de apresentar uma crítica historicamente relativizada desses mesmos postulados. É o que fizeram autores como Sismondi, List e Proudhon, em relação com as formulações universalistas da economia clássica; o que fez Marx na crítica dos sistemas não históricos; e o que volta a fazer a teoria do desenvolvimento, ao contrastar a crise da base factual da teoria com o substrato positivista neo-clássico.

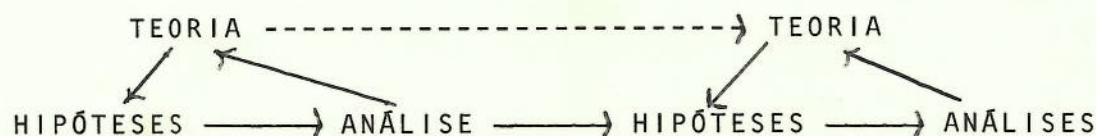
Assim como a meados do século passado fez-se presente o relato da realidade de países europeus que não se industrializavam, ou que se atrasavam em relação com a progressão do capitalismo industrial, nas décadas de 1950 e 1960 toma forma o relato das ex-colônias, dos que se tornam países, dos semi-industrializados, daqueles cuja economia continua estruturalmente simples. Em seu conjunto, o fortalecimento de sua presença política na economia mundial traz novas responsabilidades para a teoria. Mesmo incluídas sob simplificações excessivas de Terceiro Mundo, estas responsabilidades de pertinência e significação da teoria refletem o reconhecimento de problemas de representatividade das estruturas teóricas predominantes, que valorizam as possibilidades criativas da postura crítica. Sobre estas bases retomam-se os problemas teóricos de captação de diversidade e da originalidade das transformações em curso das economias,

na forma específica como elas estão inscritas no sistema de interdependências internacionais.

As injunções destes desafios da realidade, levam a revisar, repetidamente a combinação de unidade e diversidade da teoria na perspectiva de sua formação, segundo este processo reproduz a ampliação e o aprofundamento do conhecimento que ela abrange. Mas, esta revisão supõe que a própria formação da teoria é o produto deste exercício de crítica. Noutras palavras, trata-se de explorar as possibilidades de desenvolvimento da teoria que podem ser percebidas a partir do exame desta relação unidade-diversidade das referências de fatos conhecidos, bem como da relação entre a formalização conceitual da teoria e a formalização operativizada da análise econômica.

Deste último confronto emerge aquela percepção crítica da análise econômica, que lhe cobra resultados também em termos de pertinência da análise frente ao conhecimento real dos problemas e não apenas da sua consistência em relação com a estrutura doutrinária em que se apóia: O exercício da análise seria visto como parte do processo de formação da teoria. A análise não seria julgada só pela precisão com que exercita uma posição doutrinária: Numa visão em profundidade da formação da teoria, haveria um movimento como o representado na fig. 1, em que o deslocamento de uma posição da teoria à seguinte, é diferente do movimento da análise, porém ambos são estruturalmente inseparáveis.

FIG. 1



Trata-se, portanto, de explicitar os mecanismos de desenvolvimento da teoria, usando, a crítica interna da es trutura da teoria; e a crítica externa, que se baseia nos seus usos. A análise estaria definida como o conjunto dos usos do conhecimento teórico, ao nível da análise teórica e ao da análise aplicada; e explicaria como se reconhecem as hipóteses pertinentes a cada problema, um lugar de esco lher hipóteses que não sejam contraditórias entre si. Reco nhecer hipóteses é o procedimento que vincula a realização da análise com o desenvolvimento da teoria.

Ao manejarem-se estes problemas do binômio unidade-diversidade, tornam-se evidentes os principais elementos a considerar, para fundamentar um estudo em perspectiva da teoria, em função de suas bases e de seus objetivos sociais. Tais elementos são: a objetivização da situação histórica do observador e a identificação de suas categorias de análi se.

O estudo histórico da teoria exige a objetivização dos processos sociais, e a relativização das trajetórias históricas sobre que ela se apoia. As situações de classe tomam uma posição destacada neste contexto, dando as refe rências factuais com que captam as condições objetivas de inserção histórica na interpretação teoria, e, de volta, na análise. Estes elementos, já clássicos, da contribuição de Lúkacs (9) à análise histórica, põem em evidência um aspec to básico da análise teórica dos problemas sociais: A obje tivização da posição histórica do observador, bem como sua inserção de classe, são antecedentes necessários para esta belecer os limites dos fenômenos que se estuda, e, por con sequência, para enfrentar os problemas de periodização dos

---

(9) Georg Lúkacs, "Historia y conciencia de clase", FCE, Me xico, 1965.

processos históricos. Metodologicamente, é o âmbito em que se estabelecem as orientações que terá a análise da teoria. É o ponto onde se define, por exemplo, se se trata de estudar as formulações doutrinárias que relacionam autores e épocas, ou de estudar correntes de pensamento que, ao longo do desenvolvimento da teoria, se apresentam em sucessivas formalizações frente aos problemas sociais.

A definição de categorias por sua vez é aquele problema de análise, cuja solução permite mobilizar o conhecimento da história da teoria para sua principal finalidade, de incorporar-se ao conhecimento crítico da forma atual da teoria. Outrossim, o tratamento do problema das categorias é o primeiro passo na formulação de uma proposta de teoria social adequada para abranger os problemas próprios da formulação atual da teoria e de sua interpretação em relação com sua trajetória. Assim, a partir da discussão do problema das categorias da teoria, chega-se a considerar, não só o que a teoria é no momento atual, mas o que ela tem sido e o que ela pode, eventualmente, chegar a ser. Deste modo supera-se a fragmentação da história da teoria que a reduz a uma coleção de fatos e datas, ou que a decompõe em teoremas, apresentando-se a teoria social (econômica) como um conjunto organicamente integrado.

### 2.3. A profundidade histórica da teoria e sua forma atual.

O ponto de encontro da teoria econômica com a história da teoria econômica é o reconhecimento de que a forma atual da teoria é o produto de um processo de formação de conhecimento que prossegue, de modo ininterrupto, de várias formas também é o reconhecimento de que a história do pensamento econômico tem a explicação desse processo de formação da teoria permitindo captar a profundidade histórica dos conceitos e dos métodos que a compõem. A forma atual da teoria econômica pode ser vista, alternativamente, como (i) uma

estruturação de conceitos, uma versão que identifica a teoria com aquela coerência interna de conceitos que é requisito das doutrinas teóricas; (ii) uma explicação teórica sustentada pelo domínio de um determinado conjunto de instrumentos (10); e (iii) como a estruturação formal de um processo de formação de conhecimentos. Esta última acepção permite examinar o plano teórico propriamente dito, de reprodução ao nível conceitual, de uma percepção historicamente consciente da realidade social; e o plano de reprodução da análise teórica, associada à formação da teoria, e da análise aplicada, ligada ao tratamento dos problemas sociais específicos.

A visão em perspectiva da teoria social decorre de ser ela um conhecimento acumulativo, que se constrói a partir de resultados que se sedimentam, um conhecimento que é o produto de uma relação constante entre o pensamento teórico e a realidade social. Assim, a produção de teoria compreende, concomitantemente, a postura de análise direta de problemas e a postura sistematizadora, com os efeitos recíprocos de uma sobre a outra; e com a consequente superação das sucessivas formalizações doutrinárias. Assim, a formalização de doutrinas é o ponto de maior vulnerabilidade da teoria ao seu próprio movimento interno: os momentos de renovação da teoria tendem a ser também os momentos de crítica de doutrinas e do instrumental metodologicamente estabilizado que é o próprio dessas doutrinas.

A superação das formalizações da teoria manifesta-se principalmente numa crítica à relação entre a estrutura con

---

(10) *Refere-se a uma interpretação bastante generalizada, de que a economia é um "conhecimento instrumentado", / primeiro feita pela Sra. Joan Robinson e posteriormente referida por Schumpeter que, implicitamente, desloca a preocupação de que a economia disponha de instrumentos de análise para considerar que a economia como tal se caracteriza por ser uma modalidade de conhecimento que se individualiza pelos instrumentos de que se individualiza pelos instrumentos de que dispõe.*



ceitual da teoria e a análise nela apoiada, repercutindo na relação entre a estrutura da análise e as características do instrumental. É o que aconteceu, por exemplo, com a substituição do "Quadro Econômico", de Quesnay pela análise intersetorial de Leontief: A mesma preocupação básica, de captar uma ordem geral interna da economia, reflete posturas teóricas completamente diferentes, no primeiro caso com uma precedência da relação entre o funcionamento da economia e a estruturação da sociedade; e no segundo caso, como uma prioridade à relação entre o funcionamento da economia e as técnicas de produção.

Esta impossibilidade de separar a teoria social de sua trajetória, em sua relação com a trajetória dos problemas sociais, estabelece requisitos mínimos de pertinência e significação para a teoria social - os requisitos que reivindica Myrdal em sua crítica da teoria (11) - que haja progressos reais na teoria ao aperfeiçoar-se uma linguagem analítica separada dos problemas identificados ao nível da crítica conceitual. Obviamente, são observações que questionam a postura teórica que aceita os fatos econômicos como "fatos atômicos" (12) e em consequência, que trabalha com conjuntos de conceitos não contraditórios entre si (não neces

---

(11) Gunnar Myrdal, *op. cit.*

(12) *Sobre esta questão de escopo da crítica histórica, cabe lembrar as colocações de Rickert (Heinrich Rickert, Introducción a los problemas de filosofía de la historia, Ed. Nova, Buenos Aires, 1961) especialmente na parte que aborda o que ele denomina de método individualizador da história: "os objetos históricos são sempre séries, mas o conceito de série não deixa de ser demasiado amplo para uma definição do histórico. Afinal de contas, não existe realidade alguma que não se ache no tempo, que não se modifique nele, quer dizer que não seja parte de uma série".*

sariamente conceitos complementares e interdependentes) e finalmente, que produz teoremas.

Esta é a principal diferença entre o tratamento histórico da história do pensamento econômico e o tratamento positivista: Enquanto a análise histórica procura interpretar as transformações da teoria em sua relação com os fatos da economia, a análise positivista expõe a teoria como um elenco de certezas desprendidas de qualquer relação com a sequencialidade dos fatos. Assim, podem-se analisar as mudanças do conteúdo atribuído à economia, desde o momento em que ela deixa de ser um conjunto de recomendações de política, para converter-se numa análise metodologicamente organizada como (quando se define como Economia Política); e mais tarde, quando segue linhas de análise teórica, que se desenvolvem por separado desta qualificação. Também, assim se registram-se as diferenças entre o aperfeiçoamento qualitativo da teoria, conseqüente às mudanças do instrumental analítico; e os progressos ao nível conceitual, da teoria em seu conjunto, que contém uma avaliação e uma relativização desses instrumentos, no que eles captam e interpretam os fenômenos sociais.

A partir desta visão em perspectiva da teoria, configura-se o problema de avaliá-la em sua forma atual, de julgar sua aplicabilidade para interpretar o conjunto dos problemas econômicos atuais. Mas esta é uma análise da teoria, que só se pode realizar a partir de uma abordagem que estuda a teoria pelo processo de produção de teoria; e que situa a forma atual de análise econômica em relação com suas possibilidades e suas limitações. Há aí uma função específica da história da teoria, como parte do conhecimento teórico e portanto, como exigência do tipo de subsídio que a história da teoria poderá dar para o estudo teórico dos problemas econômicos atuais.

Logicamente, estas considerações levam, de volta, ao problema da crítica dos objetivos últimos da pesquisa teórica, já que por seu intermédio, se estabelecem os requisitos de instrumental para o exercício da análise, e, portanto, que se modifica a relação entre as transformações da teoria e o uso do instrumental. É inevitável que ao problematizar os objetivos da pesquisa teórica, se estabelece uma discussão sobre a validade da fundamentação de origens e fins da ciência, ativada pelos desafios dos problemas atuais. Entretanto, no exercício cotidiano da análise, a seleção de objetivos do trabalho teórico é ajustada por outros elementos, como a qualificação da teoria para perceber corretamente a complexidade dos problemas sociais, como por exemplo, acontecem com os problemas de ocupação da mão-de-obra na economia rural, no contexto da análise dos problemas de emprego na sociedade em seu conjunto. Justamente, nestes problemas de seleção de objetivos "operativos", comparados com objetivos "necessários", situa-se o estudo crítico da análise, portanto, de sua idoneidade para enfrentar os problemas de interpretação da realidade social.

Esta crítica da pertinência histórica da teoria, em relação com seu objeto de estudo, estende-se às características do instrumental de análise, por não poder-se separar por completo os objetivos da análise teórica dos objetivos da análise de problemas reais. Isto leva a distinguir a teoria econômica stricto sensu, em sua totalidade, de manifestações parcializadas de teoria, que tomam alguns problemas por separado uns dos outros, sem um compromisso de consistência dos resultados da análise com a interpretação da realidade. Obviamente, não se pode criticar a "qualidade" dos resultados de uma análise teórica formal a partir de uma crítica de sua pertinência com a realidade, mas sem dúvida pode-se formular uma crítica histórica da pertinência e da relevância de uma análise formalmente correta de temas econômicos, que estruturalmente não refletem essa realidade econômica na forma de problemas.

Esta crítica atinge um dos pontos mais sensíveis da avaliação do instrumental de análise disponível, porque já não os considera por sua precisão formal, mas por sua oportunidade frente a problemas de indiscutível importância, como a necessidade de ter uma teoria do consumo das famílias, ou de estudar as origens e os mecanismos de propagação internacional da inflação.

#### 2.4. A originalidade das situações históricas e a necessidade de atualização da crítica da teoria.

A contínua renovação da experiência histórica coloca um componente de originalidade da realidade social, que exige a articulação conceitual de uma crítica histórica sistemática. A relação com o conjunto dos fatos precedentes permite situar o aparecimento de cada novo acontecimento em sequências historicamente determinadas, insubstituíveis (13), estabelecendo as possibilidades e os limites das analogias entre fatos que possam ser situados em contextos mais ou menos semelhantes entre si, que podem constituir lapsos viáveis de análise. Esta interdependência permite problematizar os fatos, e ainda, passar dos elencos de fatos que constituem os dados imediatos da realidade, para os conjuntos de fatos - sequenciados em antecedentes e subsequentes - que constituem problemas sociais. Aí se encontra uma dife

---

(13) *Os problemas gnoseológicos decorrentes da sequencialidade e da originalidade da história, com suas consequências para a interpretação da inserção e das "funções" dos acontecimentos dos lapsos observados de história, são questões investigadas em profundidade por Sartre (Critique de la raison dialectique, Gallimard, Paris, 1960) ao qualificar as condições necessárias de referência histórica em que se pode manifestar a razão dialética. Obviamente, há aqui um problema inevitável a considerar, de que se deve reconhecer quais os fatos dominantes de um lapso observado, situação totalmente diferente daquela outra em que o estudioso, supostamente, "escolhe" suas premissas, isto é, escolhe quais fatos estuda e quais pesos atribue aos diferentes fatos que combina para estudar.*

rença fundamental entre a atitude das ciências físicas, de só tratar com fatos, considerando que eles, isolados ou em conjuntos são os únicos objetos válidos de estudo; e a atitude, necessária às ciências sociais, de trabalhar com as relações entre os fatos e com os fatos interrelacionados e situados em tempo e espaço, em trajetórias históricas específicas.

Neste contexto das semelhanças entre fenômenos, e das analogias identificadas com espaços históricos, torna-se possível desenvolver uma análise das categorias da teoria econômica, que são aqueles elementos da realidade social que constituem referências inevitáveis do discurso teórico. Assim se explica a função de certos conceitos, como os de trabalho e de capital, na descrição dos fenômenos de produção; e os de oferta e de procura, nas explicações das transações econômicas. Assim, revela-se a necessidade de um estudo sistemático das categorias da análise econômica, distinguindo-se as categorias dos fatos econômicos - como a expressão das necessidades de bens e serviços - das categorias de estruturação da economia e da sociedade (é o que evidencia o propósito de Harrod (14), de buscar análogas dinâmicas da oferta e da procura; bem como dos propósitos de Adam Smith e de Marx (os que enfrentaram as dificuldades conceituais da construção de sistemas), de buscar categorias

---

(14) Roy Harrod, em seu "Second dynamic essay" ("The Economic Journal", junho, 1960) declara que pretende apresentar uma igualdade análoga da demanda em complemento de igualdade análoga da oferta, que apresentara antes, em seu conhecido ensaio sobre economia dinâmica. Esta declaração do programa de trabalho teórico exprime exatamente uma preocupação com a revisão das categorias do pensamento econômico, que exemplifica a atitude aqui descrita. É uma postura, que se identifica com um trabalho de discussão de categorias, sem a pretensão de passar ao nível da construção de sistemas ou mesmo, de elementos sistematizantes.

da organização social da economia, respectivamente, a divi  
são do trabalho e o modo de produção (15).

Ao aumentar a significação das mudanças no quadro social, ou ao mudar os horizontes das referências históricas da realidade social, aumenta a importância da análise das categorias. É o caminho que se encontra, para avaliar e reajustar, esquemas de análise cuja pertinência tem sido gradualmente erosionada pela ação dessas mudanças. Somente a partir de um trabalho ao nível de identificação, da crítica e do ordenamento de categorias, pode-se retomar a crítica dos esquemas de análise e aprofundar no estudo de problemas sociais concretos, com o necessário reconhecimento de seus componentes de generalidade e de originalidade. É um trabalho que, por definição, não pode ter compromisso algum com a formalização de soluções, ou com a discussão das formalizações, mantendo-se ao nível da discussão de problemas.

À luz deste raciocínio, a atualização da teoria deve ver-se como um esforço inseparável da produção de teoria, que ao absorver novos elementos factuais e manter uma constante revisão daqueles conhecidos, conduz as mudanças que são congruentes com o resgate dos elementos válidos de conhecimento teórico disponível. Neste sentido, o reconhecimento dos componentes de originalidade da realidade social

---

(15) Na obra de Smith, a divisão do trabalho desempenha função de categoria, no sentido em que explica o movimento de uma economia capitalista cuja expansão pode prosseguir, por um pressuposto de mercado em expansão contínua. É, portanto, uma categoria de uma economia do capitalismo industrial ascendente. O modo de produção, entretanto, é uma categoria da explicação da organização da sociedade em função da economia capitalista, visualizada em forma genérica, o que permite comparar diferentes condições de funcionamento de estruturas nacionais capitalistas. A primeira categoria corresponde à dinâmica de cada sistema e a segunda à dinâmica dos sistemas.

faz com que a crítica seja parte da produção da teoria; e que o contínuo tratamento da relação objetivos-método alcance à fundamentação teórica do método, tome o conhecimento do método como parte do conhecimento da teoria; e chegue a uma percepção crítica das propriedades e das limitações de método problematizando-o, ao tempo em que problematiza o conhecimento. Esta problematização do método é um aspecto fundamental da postura criticista histórica desenvolvida por Hegel (16), retomada por Marx (17) e posteriormente elaborada, em diferentes contextos, por Simmel (18) e Dilthey (19). No âmbito das discussões mais recentes sobre ciência e método, é a pedra de toque uma divisão epistemológica radical, entre as perspectivas histórica e não histórica, apesar de surpreendentes superposições de posições metodológicas, justamente entre economistas líderes de um pensamento dinâmico de cunho histórico, como Dobb (20) e Sraffa (21). Os

- 
- (16) *Em Hegel, a problematização do método é uma parte fundamental da filosofia, que culmina na própria estruturação da "Ciência da Lógica". Na trajetória se deu pensamento é um componente que tem função essencial na articulação do pensamento sistematizante, como o assinala Lúkaçs ("El jovem Hegel, Grijalbo, Mexico, 1963).*
- (17) *A problematização do método em Marx converge à discussão das próprias possibilidades do sistema de pensamento e inclusive supera a estrutura do sistema, como também assinala Lúkaçs (op. cit.).*
- (18) *No historicismo de Simmel (G. Simmel "Problemas de filosofía de la historia", Nova, Buenos Aires, 1950) a problematização do método é parte de uma indagação sobre as condições em que se realiza a pesquisa histórica; e sobre as condições que podem garantir validade ao conhecimento histórico sobre a estrutura atual do conhecimento.*
- (19) *O questionamento idealista de Dilthey ("La esencia de la filosofía", Losada, B. Aires, 1952) também converge a mostrar a necessidade de uma discussão contínua do método, que o afasta, em vários sentidos, do positivismo.*

problemas "técnicos" da problematização do método são, o campo no qual se propõem os fundamentos conceituais da história crítica da teoria.

### 3. Fundamentos conceituais da história crítica da teoria.

#### 3.1. Teoria e teorias econômicas.

Alguns autores pretendem identificar diferenciações significativas entre os modos de pensar - e portanto, de produzir teoria - prevalentes no século XIX e no século XX. Um dos principais traços da substituição dos modos de pensar característicos do século XIX pelos do século XX, seria ter-se neste último incorporado, consistentemente, uma consciência das limitações da construção de sistemas teóricos, como modo de captar e reproduzir as realidades sociais (22). Esta observação não se confunde com uma percepção sistêmica dos problemas tratados pelas ciências, que seria característica do século XX; e que se apresentaria sob diversas formas, nas ciências físicas e nas sociais. A maior rapidez com que se expande o conhecimento desde o começo do

---

(20) Dobb ("The theories of value and distribution...", Cambridge Univ. Press, 1973) incorpora algumas considerações de método, que curiosamente o levam a identificar-se com o discurso metódico de M. Bunge ("La investigación científica" que analisa mas não problematiza o método com produto histórico).

(21) A estrutura metódica da obra de Sraffa ("Production of commodities by means of commodities", Cambridge, 1961) constitui uma utilização sistemática de princípios desenvolvidos por Wittgenstein (op. cit.), que se contrapõem ao tipo de criticismo histórico do método aqui comentado.

(22) Uma excelente apresentação sintética desse ponto de vista sobre os movimentos seculares do pensamento, foi feita por I. M. Bochenski (La filosofía actual), Fondo de Cultura Económica, Mexico, 1949). É importante observar, entretanto, que este esgotamento dos grandes sistemas e de orientação de gerar grandes sistemas fechados, coincide com uma percepção "sistêmica" de pro



século XX demonstra, reiteradamente, a rigidez e a consequente fragilidade das formalizações sistemáticas de expressões de pensamento teórico, como meio de objetivização dessas interpretações teóricas, e, como meio de tratar os problemas relativos à definição e ao uso de um determinado / instrumental de análise.

As respostas a estas limitações das sistematizações de teoria, seriam posturas filosóficas que buscam alternativas de expressão, respectivamente, numa pesquisa teórica ao nível das categorias, manejadas pelo pensamento teórico (23); e ao nível da lógica e de suas repercussões na fundamentação metodológica das ciências (24), ao nível das estruturas da realidade, no plano fenomenológico (25), e no das pesquisas filosóficas que conjugam a preocupação formal com da interpretação da realidade, em termos de estruturas e de suas propriedades genéticas.

- 
- (22) *blemas de diversos tipos, classicamente representada pelos trabalhos de Ludwig von Bertalanffy (Teoria general de los sistemas, Fondo de Cultura Económica, 1976) que simplesmente toma a noção de sistema como uma categoria de análise da realidade.*
- (23) *Referência principalmente dirigida ao trabalho de Nicolai Hartmann no campo da ontologia e, em especial, à sua obra Metafísica del conocimiento, (Losada, Buenos Aires, 1975) com sua pesquisa sobre as categorias do ser e as do conhecimento.*
- (24) *O desenvolvimento contemporâneo da lógica e a absorção de seus resultados ao nível da filosofia e da metodologia das ciências, tem favorecido certas generalizações da função desempenhada pela formalização de problemas, respectivamente, na identificação e na interpretação de problemas. Nas ciências sociais, este primado da forma leva ao refinamento das técnicas em lugar do aprofundamento nos aspectos de causalidade próprios dos problemas, inclusive, leva a supor que haja uma relação de causalidade entre esse refinamento de técnicas e aspectos substanciais do tratamento dos problemas.*
- (25) *Alusão à corrente de pensamento identificando o desenvolvimento praticamente iniciada por necessariamente incluiria o movimento pela preocupação com estruturas em ge*

À parte consideráveis controvérsias sôbre as razões e as justificações destas vertentes de desenvolvimento do pensamento e de sua correspondência com problemas sociais concretos, elas se materializam num conjunto de trabalhos que caracterizam a complexidade dos contextos sociais em que elas se desenvolvem. Assim é como estas linhas de pensamento crítico se manifestam numa crítica persistente da consistência e da validade da reflexão teórica levando, pelo lado da postura existencialista, a recuperar as categorias do individual; e pelos lados do neo-aristotelismo e do neo-hegelianismo, a uma revisão crítica da análise categorial e à valorização do problema como foco ordenador do pensamento teórico.

Neste contexto, o marxismo surge, primeiro valorizando um componente essencial dessa consciência crítica, logo tornando-se, um campo de pesquisa teórica, no qual também se geram problemas de desenvolvimento de uma teorização crítica, principalmente no que se abrange o processo de desenvolvimento, por aprofundamento conceitual, da teoria; seu enriquecimento com a absorção de novos problemas sociais e dos problemas de operacionalização da análise.

Estes aspectos ficaram bem caracterizados, sucessivamente, nos cismas de interpretação dos textos de Marx, ou pelo menos nos contrastes entre estilos de interpretação (Lukacs, Althusser, Coletti e outros), que com maior ou menor clareza, propõem diferentes vertentes de interpretação e desenvolvimento de uma teoria econômica. No que corresponde à relação entre o desenvolvimento da estrutura da crítica e a operacionalização da análise, é muito reveladora uma comparação entre os estilos das contribuições de Oskar Lange, Charles Bettelheim e Paul Baran, observando-se que estas diferenças de estilo estão, em grande parte, polarizadas pelo tratamento de problemas teóricos do planejamento versus problemas teóricos de uma análise crítica, que pode

levar a condições de planejamento, mas que não está comprometida pelos problemas de execução do planejamento.

Especificamente, os problemas relativos ao cálculo econômico e às dificuldades de uma racionalidade do planejamento superposta a uma pseudo-racionalidade do funcionamento dos sistemas, implicam em opções para instrumentalização, que se afastam claramente dos problemas da postura crítica. Com isto, expõem-se questões de análise crítica, que implicam em avaliar as possibilidades de desenvolvimento deste âmbito de pensamento. Referem-se à trajetória de problematização da realidade social e da teoria que a interpreta, em que se procura resgatar os elementos essenciais dos argumentos; e em que se relaciona o pensamento teórico com as circunstâncias em que ele se desenvolve.

A preocupação de contar com uma teoria "realista", apoiada num conhecimento idôneo ao nível factual, é um traço essencial do desenvolvimento do pensamento social teórico nos últimos decênios. Reflete processos completamente diferentes em suas origens que gradualmente se entrecruzam, dando lugar a novos espaços de reflexão, que contrastam com focos das preocupações teóricas da primeira metade deste século. Distinguem-se os desafios teóricos antepostos pelas transformações que têm lugar ao interior dos espaços sociais do capitalismo maduro, que abrangem um amplo espectro, desde as mudanças no âmbito do sistema financeiro, até os problemas próprios das trajetórias do progresso técnico e de sua propagação na sociedade, desde as formas de urbanização até as mudanças na trajetória das formas de consumo, etc. Paralelamente, distinguem-se os desafios das mudanças que têm lugar nos espaços sociais do sub-desenvolvimento e nos das interrelações entre a trajetória das mudanças nos espaços sociais do sub-desenvolvimento, com as mudanças nos espaços sociais das economias maduras.

Em resumo, tornam-se evidentes as diferenças entre as percepções destes mesmos problemas, nos espaços detentores da maturidade econômica, nos espaços diretamente atrelados a esse movimento, e nos espaços sociais em que a reprodução do sub-desenvolvimento, é alterada segundo novas formas da articulação internacional. Destaca-se a importância das transformações nas sociedades de economia madura - e de seu enfrentamento com novos dilemas economia-valores sociais, economia-tecnologia (exemplificados pela crescente opção pelo lazer, pelo ecologismo, etc.) e por seus efeitos no uso do crescimento econômico conquistado e no uso da faculdade de exercer opções econômicas. Outrossim, as mudanças que se registram nos espaços sociais do sub-desenvolvimento, corporificam processos econômicos, cuja complexidade aumenta com rapidez (como a relação urbanização-amadurecimento do capital financeiro) e que, por esta razão, "desenvolvem-se" em processos que geram novos problemas de mudança social.

A conjugação destes dois tipos de processos se materializa em novas formalizações das relações entre as sociedades "centrais" e as que lhes estão conjugadas, registrando-se significativas diferenciações, entre as situações relativas dos diversos espaços sociais do sub-desenvolvimento que estão atrelados, mais ou menos, de um modo ou de outro, com alguma das sociedades centrais, ou com o sistema que as correlaciona entre si. Em seu conjunto, apresentam estas duas vertentes das transformações da economia mundial apresentam desafios factuais novos para o questionamento teórico, suscitando um novo confronto do pensamento teórico com a realidade social.

A preocupação de contar com um conhecimento idôneo da realidade e identificar modos específicos como problema tizã-la, corresponde a um plano da teoria social, em que se trabalha com categorias e se situa a crítica como um e lemento essencial da própria proposta teórica. Esta aparece, em toda sua força, nas propostas de teorização da totalida de social. É o oposto da postura positivista, à qual se che ga, justamente, pela limitação da formalização teórica aos dados concretos imediatos dos problemas (26). Ao eliminar a solidez aparente dos pressupostos derivados da definição de um sujeito separado dos acontecimentos que o situam na sociedade, estabelece tacitamente um programa de produção de teoria que se afirma na crítica sistemática das posturas dogmáticas. A caracterização da postura da teoria crítica, tal como exposta por Horkheimer (27), implica num programa que não pode ser subordinado aos cânones do desenvolvimento das correntes de pensamento científico departamentalizado. A teoria social tem como objetivo um campo de conhecimento em que os âmbitos das ciências sociais específicas estão de finidos pelo perfil dos problemas de que tratam, os quais, finalmente, correspondem à problematização, das posições es pecíficas dos indivíduos, correlacionando-as com sua inser ção histórica de classe, grupo e quaisquer outras referên cias adicionais de estruturação que possam ter.

(26) *Convém transcrever uma observação de Adorno, de que "Hoje em dia leva-se tão longe a primazia do método que, de longe, só se podem propor aqueles problemas de pesquisa que podem ser resolvidos com os meios do aparato disponível (Theodor Adorno, Sobre la metacrítica de la teoría del conocimiento, Monte Avila, Caracas, 1970) e ainda "a primazia do método e a primazia da organização. A disponibilidade do conhecimento... con verte-se em seu próprio critério". A partir destas in quietações, o programa de trabalho da ciência social con verte-se em seu próprio critério". A partir destas in quietações, o programa de trabalho da ciência social con verte-se em dinamizador de um questionamento com in dubitável carga teleológica:*

(27) Max Horkheimer, Teoria Crítica, Amorrortu, Buenos Ai res, s.d.

Estas colocações coincidem, com outras linhas de re no va ç ã o da filosofia comprometida com os problemas de m é t o do das ciências. Destaca-se a contribuição de Bachelard, por corresponder ao desprendimento das propostas metodológicas de sua constrição doutrinária. É uma proposta que resgatar os componentes do racionalismo próprio das possibilidades de cada campo do conhecimento, conjugando-as num âmbito maior, que seria a verdadeira instância de referência da ciência. O racionalismo "integrante" - segundo a própria ex pr ess ã o de Bachelard (28) - depende dos racionalismos "re g i o n a i s m a i s m o s", que seriam os campos em que se exercem as possibilidades de racionalismo, sugeridas pelos próprios objetos do conhecimento. O programa filosófico de Bachelard refere-se a elementos que também correlacionam diferentes campos de conhecimento que, ao por em evidência as condições da fund am en t a ç ã o do racionalismo na ciência em suas várias exp res s õ e s, também contribue, direta e indiretamente, à crítica filosófica da metodologia científica. Em suas conseqüências finais, essa crítica revela algumas contradições básicas da teoria econômica, como aquelas de se transferirem me c a n i s m o s de interpretação de estruturas para a análise de pr o ç e s s o s; e de utilizarem-se comportamentos individuais em esquemas simplificados de produção, para tratar situações que são parte de esquemas estruturalmente complexos de pr o ç ã o.

Este revigoramento do pensamento crítico retoma os problemas fundamentais da sustentação filosófica da crítica, em relação com o desenvolvimento secular desse pensamento científico, e identificando seus condicionamentos com as circunstâncias históricas em que ele é produzido. É um fen ô

---

(28) Gaston Bachelard. Epistémologie (P.U.F., Paris 1974) e também O racionalismo aplicado, Zahar, Rio, 1977.

meno da história da teoria, que revela um ponto de inflexão na relação entre a teoria social e sua fundamentação filosófica, em que suas exigências do questionamento são comparáveis às do questionamento do pensamento filosófico voltado a uma totalização anterior à da teoria social.

Este aspecto deve ser tratado ao nível da própria filosofia e que, mesmo nas circunstâncias em que o discurso da Escola de Frankfurt (29) o identifica com a teoria social, é muito mais uma produção filosófica que incide numa teoria social, que um desenvolvimento da teoria social.

De qualquer modo, o fundamental é que esta revitalização do pensamento crítico conduz uma intensa proliferação de pensamento sobre as condições reais em que se gesta o atual pensamento social teórico - condições metódicas e condições historicamente relativizadas - que "situa" a teoria social na atualidade. Também é fundamental observar, que a sustentação de um fluxo de produção teórica sobre premissas neutras - portanto inalteradas - a que corresponde o privilégio dado à análise formal, arrisca-se cada vez mais a encontrar-se em posições cientificamente ingênuas.

Neste contexto de compatibilização da teoria social, com a consolidação da psicologia, com o alargamento dos horizontes temporal e cultural da história e a construção prática da antropologia, deverá ser julgada esse trabalho. E frente a este quadro de renovação das exigências da teoria, deverá ser avaliado qualquer possível progresso da teoria social instrumentada, como pretende ser a econômica.

---

(29) *Max Horkheimer, op. cit.*

Entre os elementos determinantes do pensamento desenvolvido no século XX, encontram-se as revoluções sociais, a emergência dos povos colonizados e uma consequente modificação nos próprios termos em que se engendra e desenvolve o pensamento crítico, com consequências ainda não completamente avaliadas, ao nível dos valores atribuídos aos diferentes componentes e formas de conhecimento. Mas, se distingue entre uma postura que problematiza a realidade do modo mais completo possível e outra, que se volta aos problemas de consistência formal e operativa dos problemas da teoria e da prática, realizando-se como sequência das heranças do pensamento do século XIX, com suas transformações estimuladas pelos fatos da realidade social do século XX, harmonizando-as com os novos fatos.

A primeira trata questões que correspondem à captação da problemática econômica e social como um conjunto e a segunda "isola" problemas que, primeiro leva a uma opção pelo método indutivo, e, de modo concomitante, a uma postura positivista. Esta sustentação do positivismo ao nível da teleologia da ciência explica as opções restritivas de método; e os repetidos problemas de dicotomização de problemas, que surgem ao longo da construção da teoria.

Este é o processo pelo qual se introduzem sucessivas dicotomias na estrutura da teoria econômica, como entre a produção e o consumo, a agricultura e a indústria, a cidade e o campo, etc., e, portanto, o processo pelo qual se delineia um tipo de análise econômica em que se separam os aspectos formais da estrutura da análise, dos processos sociais que promovem a diferenciação entre estruturas. São dicotomias que formam parte de um procedimento genérico de tratamento dos problemas econômicos, que consiste precisamente em isolar fatos, tal como se isolam transações econômicas, produtores, consumidores, etc.



A análise crítica da proliferação de dicotomias é fundamental na organização de um estudo em retrospectiva da teoria, porque ao situarem-se em perspectiva histórica elas refletem sucessivas opções de interpretação dos problemas sociais (equilíbrio ou transformação, produção ou distribuição, etc.); e porque revelam a aceitação tácita de soluções de instrumentação da análise (como a separação entre a agricultura, a indústria, e a mineração) que, por sua vez, qualificam, os resultados a que se pode chegar na própria análise dos problemas sociais.

De modo genérico, a dicotomização de problemas, decorre de uma predominância do método indutivo na base desta proposta de análise social, que transfere para a economia certos pressupostos de método e formalização de análise, que se identificam com a postura positivista (30). O contrário desta postura, seria outra posição que organiza a análise em função dos problemas, que trabalha a partir das relações entre problemas e do potencial genético desta relação, mantendo a caracterização entre os diferentes problemas considerados. A utilização de raciocínios de tipo dedutivo e de dedutivo-analógico seria um requisito previsível desta postura conceitual.

---

(30) Esta é uma das principais observações que podem ser feitas à obra histórica de Shumpeter ("Economic doctrine and method" George Allen and Unwin e "History of economic analysis", Oxford, New York, 1966), que ao alinhar as contribuições de pensadores; e ao ordenar o pensamento teórico segundo blocos da época, deu ênfase às manifestações formais desse pensamento, apesar de ter sido o mais sistemático entre os teóricos da história do pensamento. Mas, inclusive sua preferência pelo ângulo da análise econômica, em contraposição com os da teoria e das correntes de pensamento, denota uma preferência implícita de método corrente com a linha de pensamento de Böhm-Bawerk a que adere-se bem que o ordenamento interno da "História da análise econômica em blocos de época permite correlacionar as formalizações teóricas com os blocos de problema, destacando o papel das épocas de pensamento (um pouco na linha da pesquisa do tempo-eixo de K. Jaspers ("Origem y meta de la historia", Rev. de Occidente), Shumpeter a deixa como simples justaposição entre épocas e produções teóricas, sem avançar muito mais neste aspecto de pesquisa teórica.

A crítica da dicotomização do objeto de análise é agora fundamental, para reorganizar a análise social, correlacionando a estrutura atual da análise com o processo de formação de teoria. Neste sentido, o procedimento de dicotomizar reflete uma opção epistemológica, acerca do tipo de teoria que se propõe desenvolver: A perspectiva indutiva dicotomizadora leva a asseverações teóricas, a teoremas; enquanto a perspectiva dedutiva leva a um discurso sistematisante, mesmo que não propondo sistemas fechados sobre si mesmos. (Esta é, obviamente, uma reivindicação de revisão da atitude frente a problemas gnoseológicos, que não pode ser cabalmente exposta no âmbito restrito deste trabalho, já que toca num dos pontos mais sensíveis das fundações da ciência experimental ocidental. Portanto, apresenta-se apenas como uma proposta ao nível do ordenamento do programa de trabalho da análise crítica da estrutura da teoria).

Os dados deste questionamento atual podem ser melhor captados, mediante uma distinção entre aqueles que problematizam todas as estruturas do conhecimento atual e os que somente problematizam uma parte do conhecimento, ou algumas das estruturas de conhecimento, sem necessariamente referir este questionamento à forma como a teoria em seu conjunto está estruturada. Noutras palavras, trata-se de reconhecer ou não, a presença de um componente necessário de críticomo genérico na formação do conhecimento teórico das diferentes correntes de pensamento, concomitante com o conjunto das proposições de teoria, que resulta finalmente na recuperação da profundidade histórica da estrutura atual da teoria.

A discussão dos problemas da crítica teórica pode ser colocada com propriedade, no estudo das relações entre as referências factuais históricas da teoria e sua estruturação formal. Deste modo identifica-se um problema técnico do desenvolvimento formal da teoria, qual seja que seus pressupostos captem realidades diferentes daquelas originaria

mente consideradas quando de sua concepção. Também, que captem, um problema relativo às sucessivas dicotomizações que se introduzem no tratamento de questões genéricas de teoria na maneira de tratar questões da instrumentalização do aparato teórico. Ao admitir que a teoria é uma reflexão formalizada da realidade, a teoria social tem um compromisso de representatividade em qualquer nível de abstração em que se trabalhe. Há, assim, um problema de relacionamento das estruturas formalizadas de teoria e a percepção dos fatos sociais, em que os fatos devem ser captados em forma tal que se perceba como estão relacionados uns com os outros.

Esta atitude dicotomizadora tem sido geralmente justificada com a alegação de que é necessário subdividir um todo complexo para melhor compreender seu funcionamento. Logicamente, é uma falácia que ignora que com este procedimento torna-se impossível conhecer aquelas propriedades dos conjuntos que são exclusivas do todo, que se diluem com sua complexidade. Ao nível das questões genéricas da teoria, a dicotomização envolve temas como a definição de setores numa economia que, por exemplo, ao isolar os fatos da agricultura dos fatos da indústria impede que se perceba que a agricultura sempre contém um componente de transformação e vice-versa; que há certos conjuntos de operações "agro-industriais", que só podem ser percebidas, ao substituir-se a dicotomização setorial por uma aglutinação dos fatos econômicos que correspondem a problemas, ou seja, ao organizar a análise em função dos problemas.

### 3.2. Unidade e diversidade da temática da teoria.

Frente aos problemas da relação teoria-método que se enfrentam numa análise genérica da teoria, cabe destacar que cada interpretação dos objetivos da teoria leva a identificar um determinado conjunto de problemas como objetos de estudo; e que, assim, implica numa determinada trajetória virtual de desenvolvimento do pensamento teórico. Em

síntese, a identificação dos objetivos é uma questão atual de opção de programa de trabalho, e também uma opção de situar determinado tipo de conhecimento científico numa reflexão filosófica global da ciência.

A ênfase em aspectos do progresso em estruturas econômicas invariantes, (31), bem como a ênfase na explicação do funcionamento de determinadas estruturas contínuas, marca a maior parte do pensamento econômico até o advento de análises mais voltadas para explicar determinadas estruturas não contínuas e para encarar as mutações como parte da genética das próprias estruturas, dando novo sentido à dinâmica.

Verifica-se uma unidade entre as diferentes posturas de método, no que elas abordam problemas de um mesmo objeto de estudo, que permite estabelecer analogias entre elas; e uma inevitável diversidade, quando as diferenças de concepção das causas das transformações das economias, estejam ou não relacionadas com progresso e sejam atribuídas a condições de continuidade das estruturas. Dentre as contribuições mais marcantes à teoria econômica, registram-se algumas que, ao projetar um conceito principal representativo de uma postura de análise, terminam por estabelecer uma categoria ordenadora da teoria. Em Adam Smith, são as leis que regulam o enriquecimento das nações; em Ricardo, são as leis que regulam a distribuição da renda no funcionamento de economias nacionais; em Marx, é a estruturação das relações sociais num determinado modo de produção, com sua

---

(31) Em sua obra voltada para um entrosamento da perspectiva estruturalista com a classificação da análise econômica por prazos e durações de fenômenos, André Marchal ("Systèmes et structures économiques", P.U.F., Paris 1961) propõe uma distinção entre a dinâmica nos sistemas e a dos sistemas que, mesmo com inconvenientes de sua rigidez, aponta a uma conveniente simplificação didática deste problema.

correspondência à acumulação de capital; e em Marshall, é o mercado, que constitue o lugar ideal, de encontro daqueles que se definem como ofertantes ou como demandantes de bens e serviços.

Assim, o debate sôbre o objetivo último da teoria econômica (como representativa de uma teoria social), tem-se valido de conceitos sintetizadores de conhecimentos inferidos de uma base factual histórica, de tal modo que enseja questionar a representatividade desses conceitos, para sustentar generalizações na análise teórica. Por exemplo, a identificação de leis que regulam o enriquecimento das nações, é um trabalho teórico que supõe invariáveis as estruturas de relações internacionais entre as nações e portanto, que supõe condições semelhantes de soberania das diferentes nações na condução de suas economias. Assim, o princípio de divisão do trabalho de Adam Smith, só se aplica às possibilidades de racionalização da produção do capitalismo industrial "clássico", em que se propõe aumentar a capacidade de produção e ampliar seu aproveitamento, sem restrições significativas de demanda. Também, a primazia das questões de distribuição da renda só se explica enquanto não se consideram os efeitos recíprocos entre o perfil da concentração do capital (com o perfil da incorporação de técnicas) e o da formação do emprego e das remunerações do trabalho. Por fim, a validade da noção de mercado supõe um espaço de relações sociais a uma escala suficiente para que a oferta e a procura possam chegar a uma situação de equilíbrio (no caso mais concretamente, de ajuste entre os valores atribuídos por ofertantes e demandantes).

Não se apresentam quaisquer regras sôbre quais escalas de espaço de relações sociais corresponderiam a quais tipos de oferta ou a quais tipos de procura, etc. Como consequência, logicamente, o conceito de mercado se situa entre a imagem de uma espécie de câmara de compensação de

oferta e procura de determinados bens e serviços (que leva a falar de mercados específicos); e a de um espaço social composto de ofertantes e demandantes, que por sua vez implica num conceito de mercado socialmente específico, invalidando os usos irrestritos do conceito de mercado para referir todos aqueles problemas econômicos que não possam ser referidos a produtos e grupos sociais específicos. Por sua vez, a análise de Marx, em sua condição de crítica da economia política estruturada sobre o capitalismo em expansão, desenvolve-se em relação com os dados históricos das relações sociais do capitalismo industrial, devendo ser, primeiro, apreciada em relação com os valores sociais que lhe podem ser atribuídos, e, segundo, situada em relação com o quadro factual que sustenta as duas vertentes mencionadas de questionamentos da segunda metade do século XX: a das transformações dos espaços sociais centrais à expansão do capitalismo; e das transformações dos espaços sociais colaterais ou atingidos por este movimento.

No essencial, as colocações destes autores - com a possível exceção de Wicksell e Sismondi - refletem as principais correntes de pensamento econômico que se desenvolviam no século XX. Uma parte significativa das divergências entre os objetivos básicos de seu trabalho teórico, situa-se na escolha de referências conceituais e de sua formalização. Mas ao aprofundar um pouco mais nos fundamentos de sua escolha de objetivos, encontram-se consideráveis áreas de convergência, na preocupação, comum a todos, de contar com uma fundamentação extra-lógica, de suas respectivas soluções para os problemas da relação objeto-método, mesmo reconhecendo que elas levam a opções completamente diferentes, na valoração dada aos fatos observados. Essencialmente, a convergência entre pontos de vista tão diferenciados procede de reconhecerem, explicitamente, a importância de contar com uma fundamentação teleológica explícita da teoria, que situa a posição da economia nas ciências sociais. Justamen

te, esta percepção da teleologia da economia, permite falar de qualidade da teoria, no sentido em que alguns autores, como os mencionados, fazem contribuições epistemologicamente mais significativas que outros, que se circunscrevem ao nível da instrumentação da base conceitual e que não a questionam.

Este parece ser um dos principais inconvenientes da proliferação incontrolada de manuais de economia - e de Economia Política - que operacionalizam o chamado "estado atual do conhecimento", produzindo, deliberadamente ou não, a criação de dogmas conceituais e de modos de análise. É uma questão de distinguir os graus de profundidade com que as questões teóricas podem ser tratadas; e os níveis de simplificação que podem ser usados nessa análise. A primeira escolha dá lugar a diferentes estilos de trabalho, com consequências sobre a criatividade ou a rigidez da análise. Aqui aparecem alguns dos principais elementos da antes mencionada dicotomização na análise, como na separação padronizada entre macro-economia e micro-economia. Assim, torna-se evidente que este abandono das questões epistemológicas e valorativas, leva a um questionamento ainda mais profundo, sobre a combinação dos aspectos de unidade e diversidade da teoria, que deve ser examinado como parte da coerência interna da teoria econômica como um todo.

A distinção entre níveis de análise de diferente profundidade conceitual, é a principal base para correspondente distinção entre uma teoria econômica corrente e uma teoria historicamente idônea, em que a primeira fica ao nível dos usos e do aperfeiçoamento de estruturas conceituais, que são definidas unicamente por suas características formais. A crítica dos conceitos não é necessária neste âmbito de trabalho, se bem que, obviamente, não está excluída. Entretanto, é um componente essencial da crítica histórica, que se ocupa principalmente do processo de interrelação en

tre o exercício da análise e a formação da teoria, confrontando as sucessivas conotações que vão sendo atribuídas a um determinado conceito e sua repercussão na operacionalização da análise (por exemplo, o conceito de acumulação de capital aparecem em Smith e Malthus, sob a forma de "progresso da riqueza", e, tanto como o termo "acumulação de capital", denota o aumento da quantidade de riqueza disponível internamente num país, sem maiores distinções sobre sua composição).

A separação entre as bases conceituais da teoria e sua expressão formal, dá lugar a uma perspectiva de possibilidades de desenvolvimento formal da análise econômica, aos níveis da análise formal abstrata e da análise de acontecimentos isolados, em que o principal compromisso da análise é com sua consistência formal e não com a relação entre essa consistência formal e a realidade social de que são extraídas as observações que sustentam a análise formal. É uma observação que leva a examinar os efeitos da presença do positivismo na economia atual, de sua fundamentação epistemológica e de sua significação histórica, na incorporação de conhecimento na ciência econômica.

Esta presença do positivismo na economia moderna deve ser situada pelo menos a dois níveis: o primeiro de manejo consciente e deliberado e o segundo, de práticas de análise, cujo método raramente se questiona. Também pode ser julgada por sua manifestação na análise teórica e na aplicada, com resultados na escolha da temática da teoria e para o tratamento de problemas, que pode ser circunscrito a um conjunto de dados imediatos. Assim, a questão da presença do positivismo na economia deve ser tomada numa acepção muito ampla, como um fenômeno que condiciona a maneira atual de trabalhar da economia e suas perspectivas de desenvolvimento como ciência.



É necessário sublinhar que uma parte significativa do debate desenvolvido no período entre Marx e Keynes, sôbre as possíveis orientações da teoria econômica, põs em evidência algumas dificuldades dominantes da análise teórica desprendida de observações factuais (históricas). Ao fundamentar os raciocínios analíticos em analogias independizadas das condições factuais específicas em que elas foram originariamente observadas, a teoria "pura" enfrenra dificuldades crescentes, para demarcar limites de referência empírica por um lado e de rigor formal por outro, que estabelecem as margens de realismo e consistência da teoria em seu conjunto. (É a diferença de preferências de método, por exemplo, que distingue o estilo de raciocínio paulatino, de sucessivas demonstrações lógicas de Marshall, do raciocínio derivado de um conjunto de premissas gerais de Walras e de Pareto; e é o que distingue as inferências de Schumpeter sôbre mecanismos gerais de funcionamento das economias capitalistas, das observações teóricas de autores como Pigou ou J.B. Clark).

Os princípios da análise positivista ofereceriam uma importante contribuição ao aperfeiçoamento de uma análise teórica, capaz de estabelecer limites operativos razoãveis para tratar problemas específicos de teoria, como aqueles relativos à demanda de um produto, à situação de uma empresa, ou ao comportamento de um consumidor. Com isto, a análise positivista enfrentaria um dos problemas mais delicados da análise social, qual seja, o de estabelecer os limites válidos, em extensão e em profundidade, de cada problema econômico, dirigindo-se à questão fundamental da operacionalização da análise e portanto, de sua utilidade prática.

As dificuldades surgiriam depois, ao combinar as soluções de diferentes problemas específicos, ou integrar o tratamento de problemas econômicos de indivíduos - consumi

dores ou produtores - com o de problemas econômicos de coletividade, ou seja, ao recuperar a continuidade entre os níveis macro e microeconômico da análise histórica. Se, por um lado, o âmbito de análise fica claramente circunscrito aos dados imediatos de cada problema, por outro lado este mesmo limite constitui uma restrição para captar as relações de causalidade, que determinam a existência do problema. Noutras palavras, a própria opção pela delimitação rígida de cada problema, impede questionar a validade, a pertinência ou a significação da análise teórica, limitando a discussão da teoria à exatidão formal com que os problemas são analisados (32). Assim, não se discute porque se escolhe este ou aquele outro problema, nem porque se define este problema desta e não de outra forma. O positivismo limita o raciocínio econômico às possibilidades de estudar o desenvolvimento formal de cada problema, excluindo a crítica à escolha do problema e à escolha da maneira de apresentá-lo. No fundo, é uma opção que, ao limitar os âmbitos de exercício do raciocínio crítico, nega seu valor como elementos necessário na estrutura da teoria, reproduzindo o "absolutismo lógico" criticado por Adorno (33).

Na prática, esta supressão da discussão "metafísica" não faz mais que eliminar os problemas de relativização da teoria, que são antepostos pela perspectiva histórica. Noutras palavras, a postura positivista reduz o escopo da análise teórica ao exame dos corpos formalizados de teoria, ou seja, ainda, reduz as possibilidades e o escopo da análise

---

(32) Como diz Marcuse ("One dimensional man" Beacon Press, Boston, 1968) "A crítica neo-positivista ainda dirige seu principal esforço contra noções metafísicas e é motivada por uma noção de exatidão que não é a lógica formal nem a da descrição empírica... é a rejeição ou desvalorização daqueles elementos de pensamento e expressão que transcendem o sistema aceito de validação".

(33) Theodor Adorno, "Sobre la metacrítica del conocimiento".

teórica ao rigor no uso das doutrinas estabelecidas, que são apresentadas como a única possibilidade de conhecimento. Assim ao apresentarem-se problemas cujo tratamento exige um esforço de renovação - e portanto de originalidade - da teoria, torna-se inevitável voltar à crítica supostamente metafísica da teoria, que na realidade consiste naquela análise categorial que não pode ser separada de um questionamento da relação objeto-método. E é precisamente por esta análise das raízes da teoria, que se pode chegar a uma discussão significativa dos elementos que lhe dão unidade, tomando-a como um corpo de princípios teóricos; e do seu correspondente oposto, que seria a diversidade de manifestações do pensamento teórico.

Ao insistir na necessidade de revisar a relação entre a unidade e a diversidade da teoria, põe-se, em primeiro plano, a análise das categorias do pensamento teórico, tal como ele é produzido em determinadas circunstâncias históricas. (Logicamente, o próprio pressuposto de neutralidade da inserção cultural na formação do pensamento científico moderno é parte de um maneirismo da cultura ocidental, que se considera internamente tão integrada, que dispensa referências a especificidades culturais; e que reduz a restrição cultural à área da história social dominada pela categoria do primitivismo que, em última análise, seria o domínio da antropologia social). A explicitação dessas circunstâncias históricas é parte integrante dessa crítica interna da teoria, que não seria vista como um corpo conceitual que proveio de condições de diversidade, mas seria o âmbito de um pensamento teórico que conjuga, permanentemente, as dimensões de unidade e diversidade.

### 3.3. Continuidade e descontinuidade na teoria econômica.

O elemento comum ao funcionamento de toda a teoria econômica é seu objeto - a base material das relações sociais. Aparece às vezes com clareza nas orientações das dis

ciplinas instrumentais da economia, ou de modo dissimulado, em elaborações teóricas com diferentes propósitos imediatos. Entretanto, é um objeto desta ciência, anterior às qualificações que lhe são impostas pelas condições de organização social, tanto das que são próprias da trajetória de processo em curso, como das que resultam da formalização de instituições que regulam o funcionamento da economia.

Há uma notável diferença entre a percepção deste objeto como uma consequência de um conjunto de relações sociais, formalizado, passível de ser isolado da continuidade processual dessas relações sociais; ou como uma manifestação desse conjunto de relações sociais que o reflete, que experimenta transformações que acompanham as transformações dessas relações sociais. Por exemplo, uma diferença fundamental, entre a base das relações sociais que têm lugar numa sociedade primitiva de Índios pescadores que praticam a extração vegetal com alguma agricultura incipiente; e a base das relações sociais numa sociedade com capacidade industrial. Uma parte dessa diferença se expõe em diferenças estruturais entre o capital de uma e outra sociedade. Mas outra parte só se percebe pela análise do aprofundamento desse capital o qual, por sua vez, aparece como um aumento de complexidade na contextura social. Na medida em que se pode reivindicar que o conjunto de problemas tratados pela economia seja homogêneo, flue naturalmente que se considere que haja continuidade na teoria. De outro modo, logicamente passa a haver razões para questionar a continuidade na estrutura da teoria e em suas transformações.

O esforço de produção de teoria tem sido exercido, simultaneamente, ao nível da interpretação das estruturas econômicas e ao de acontecimentos, seja isolados seja agrupados de diferentes modos, em grupos de diferentes tamanhos. As principais questões teóricas consistem, respectivamente, na identificação e no manejo de critérios que permitam si

tuar os acontecimentos nos movimentos das estruturas; e identificar e manejar as relações entre os acontecimentos. A excessiva conceitualização, prejudicando a operacionalização, e a excessiva fragmentação levando uma análise tópica, são opostos que se destacam nesse conjunto, mais como deficiências das estruturas de análise que como propriedades da teoria. De qualquer modo, no ponto onde se encontram as insatisfações com o desempenho da economia como ciência social, adverte-se um aspecto dominante, que é a relação entre o desenvolvimento da teoria - expansão, aprofundamento conceitual, aperfeiçoamento formal, etc. - e o enriquecimento da análise pela absorção de novos fatos (34). A absorção de novos fatos é um desafio constante das estruturas de análise, por suas diferenças em relação com a base factual que deu lugar à formação da teoria; e pelo distanciamento entre os progressos conceituais que são alcançados na teoria e os requisitos que lhe são apresentados, através das demandas da sociedade, para a solução de problemas específicos de análise.

Assim, a uma visão histórica retrospectiva de longo prazo da trajetória da teoria, destaca-se a impressão de que seus grandes movimentos, expressos em períodos de maior atenção à teoria da distribuição, à teoria do ciclo, à teoria do consumo, etc. refletem períodos de maior intensidade em problemas sociais correlacionados com estes campos da teoria. Seriam situações como as do período do capitalismo industrial nos países de maior capitalização, de instabilidade na relação entre essa expansão da economia industrial e a expansão do sistema financeiro internacional. O auge das preocupações com uma teoria do desenvolvimento -

---

(34) Este é um aspecto que foi desenvolvido por V.V. Bhatt ("The sterility of equilibrium economics: an aspect of the sociology of science" em "Economic theory and planning" ed. Ashok Mitra, Oxford Univ. Press, Calcutta... 1974) no contexto de uma tentativa de distinguir os componentes reais e de símbolos que compõem a teoria.

suplantando a única versão aceita do progresso, que seria o crescimento - mostraria a cara do problema, tal como percebida pelos países subdesenvolvidos. Portanto, os impulsos de enriquecimento conceitual e formal da teoria respondem a desafios que, podem ser atribuídos ao nível da política econômica, por captar uma demanda de análises consequente a uma necessidade de tomar decisões que levam ao uso de recursos. Por isto mesmo, captam tensões sociais, ao refletir reivindicações interclasses. Assim, quanto mais distantes estejam as reivindicações umas das outras, a trajetória da formação da teoria pode, perfeitamente, ser considerada como a integração de diversos impulsos de movimentos intermitentes, de diferentes origem e propósitos. Igualmente, ao reconhecer que diversos destes impulsos reivindicatórios de respostas teóricas, procedem das condições históricas das sociedades alheias aos centros internacionais da formação de capital, é inevitável considerar que contenham propostas diferentes daquelas que podem, emergir por derivação, das propostas teóricas originadas nos países centrais da economia mundial.

Da comparação desta variedade de condições históricas com o quadro de multiplicidade das manifestações do pensamento teórico, ressaltam alguns problemas fundamentais de revisão e síntese das estruturas teóricas; e alguns outros, consequentes às prioridades que se atribue ao tratamento dos problemas sociais dos países genericamente definidos como sub-desenvolvidos. Os dois grupos de problemas são interdependentes, em parte porque os critérios de revisão e síntese da teoria dependem da postura que se tem acerca da incorporação de acontecimentos novos (35); e em parte, porque

---

(35) *Este é um aspecto fundamental desta análise crítica, levantado por Celso Furtado ("Prefácio a nova Economia Política" Paz e Terra, Rio, 1976) que resume diversos aspectos dos problemas de etnocentrismo e antropocentrismo da teoria das ciências sociais, criada por um mesmo grupo de países durante um período característico de sua história.*

o próprio conhecimento da teoria implica na presença de um esforço de análise crítica de sua fundamentação teleológica (36), essencial quando se discute a pertinência e a significação dos instrumentos que se utiliza. A questão - explicitamente colocada do ponto de vista de um pensamento teórico que se desenvolve fora dos centros da economia e do pensamento econômico mundial - consiste em que a valoração dos problemas sociais e econômicos associados com a condição do sub-desenvolvimento, não pode ser transferida aos termos da relação objeto-método engendrada nos países centrais, quaisquer que sejam suas opções sociais e econômicas. A questão de absorção da originalidade no caso deles é complementar e neste outro é fundamental. O debate intelectual, o esforço de análise e as experiências com a realidade dos países sub-desenvolvidos, no caso, especificamente com os países latino-americanos, nos últimos trinta anos, mostra que o correto enfoque dos problemas atuais, requer uma revisão sistemática do conhecimento em retrospectiva da teoria econômica e de suas raízes em opções sociais de valores econômicos.

A esta altura da argumentação, surgem aspectos colaterais a considerar, relativos à relação entre o desenvolvimento do pensamento econômico e o das demais ciências sociais, ao nível de uma análise instrumentada. O pensamento econômico tem estado atrasado e, relação com outras ciências, demorando em registrar a presença de novos temas dominantes. Tem ignorado contribuições em outras ciências, que afetam seus próprios fundamentos, uma deficiência atribuí

---

(36) *A reivindicação da crítica teleológica possivelmente se já o aspecto mais importante da obra monumental de Myrdal "Asian Drama" (Random House, N. York, 1968, 2.268pp) que se volta a uma problemática do subcontinente indiano, sem recorrer a comparações - diretas ou indiretas - com os países desenvolvidos.*

vel, em grande parte, à pretensão de contar com uma estrutur  
ração teórica e analítica independente das demais ciências  
sociais, na escolha do objeto de estudo e no rigor do mét  
odo de trabalho.

Esta questão já fôra recalcada por Shumpeter (37), co  
mo indicador da qualidade (epistemológica) da teoria econô  
mica. Todavia, ao progredir a formalização instrumental da  
análise econômica agrava-se o distanciamento com os progres  
sos das demais ciências sociais. É o que acontece em rela  
ção com o desenvolvimento da psicologia (38) e da antropolo  
gia (39) e, principalmente, com o desenvolvimento da análi  
se

(37) *Em sua obra principal "History of Economic Analysis" (Oxford University Press, New York, 1966) Schumpeter incorpora, explicitamente, problemas de análise sociológica, como parte da fundamentação da análise econômica, reivindicando a necessidade de manter-se, ativamente, a análise sociológica como parte da vitalidade da análise econômica formalizada.*

(38) *É importante lembrar que a análise econômica reúne pressupostos psicológicos sobre o comportamento de produtores e consumidores - individuais - antes que o desenvolvimento da psicologia permitisse situar com propriedade tais premissas. Freud e Jung são posteriores às simplificações psicológicas da economia. Especialmente, a teoria de "gestalt" e as contribuições de Jung sobre psiquê coletiva, assestam golpes demolidores ao papel atribuído ao indivíduo na análise econômica, e à possibilidade de traçar generalizações sobre o comportamento do indivíduo sob estímulos econômicos isolados.*

(39) *A heterogeneidade das formas de associação básicas, da nucleação familiar, em relação com trajetórias culturais, são elementos apenas superficialmente reconhecidos pela análise econômica, com a consequência de que o primitivismo é visto unicamente como uma situação que se supera; e não como uma categoria da análise social, com inserções próprias em diferentes quadros sociais historicamente analisados. De modo similar, talvez por razões análogas, a economia continua sem trabalhar com uma antropologia urbana, sem incorporar a análise da nova heterogeneidade engendrada pela metropolização e pelos movimentos transculturais nas zonas de migração intensa, ou pelos efeitos combinados da migração com a dinâmica social do emprego.*



se sociológica, com sua maior identificação com um pensamento social totalizante. É um fato que ressalta a fundamentação da análise econômica contemporânea, cada vez mais restrita às possibilidades lógicas de seu formalismo matemático, às vezes neutralizando as possibilidades criativas do pensamento crítico desse mesmo instrumental matemático, por separá-lo de uma derivação correta de premissas sociais.

No relativo à incorporação de temas dominantes novos, a economia tem mostrado grande lentidão em reajustar seus hábitos de análise em relação com fenômenos como a desertificação, as mudanças continentais de temperatura e outros elementos, que tornam urgente o enfocamento dos sistemas de recursos naturais, essencialmente, como sistemas não-renováveis e finitos (na medida em que o equilíbrio ecológico se rompe, os recursos renováveis - como os bosques - se tornam não renováveis esgotando-se mesmo antes que sobrevenha o uso excessivo), em que a qualidade dos recursos é parte inseparável de sua quantidade. Mesmo lembrando contribuições prematuras como a de Boulding (40) a um enfocamento da análise econômica em função do parâmetro ecológico, é fundamental assinalar, que se trata unicamente de um deslocamento de ênfase, mas não de uma revisão dos conceitos teóricos em função desse tema dominante: o aparato de análise de Boulding não mudou em nada pelo fato de ter escolhido esse tema.

Esta característica provinciana do pensamento econômico erosiona sua posição no contexto do desenvolvimento do

---

(40) Kenneth Boulding, "A reconstruction of economics", John Wiley & Sons, New York, 1967. A primeira edição desse livro data de 1950. Contém uma tentativa de reorientar as análises macro e micro-econômicas em função de um privilégio explícito da questão ecológica. Paralelamente crítica as premissas "individuais" e propõe uma dissolução da "idade" do capital que, certamente, uma análise diacrônica da estrutura do capital; e numa consequente crítica da possibilidade lógica de formular-se uma teoria da expansão "equilibrada" do capital.

pensamento social, levando a retornar ao dilema, antes aludido neste trabalho, entre as posições sistematizantes e as problematizantes de análise, valorizando estas últimas como mais apropriadas para aprofundar um pensamento crítico historicamente relevante.

#### 4. Algumas questões da crítica histórica da teoria.

À luz de um pensamento crítico, a história da teoria é, fundamentalmente, uma história de mudança. É uma história que capta a mudança social através de sua representação na teorização da realidade e portanto, que relativiza o instrumental de análise em conjunto com as estruturas teóricas. Tacitamente, realiza uma operação intelectual que supera o âmbito criticado por Foucault (41) como próprio de uma arqueologia da mudança: Não se trata de recuperar as mudanças como situações concomitantes com as formas da teoria, mas de enfrentar um problema de representatividade, que se desloca acompanhando mutações na base factual do objeto de teorização. O desenvolvimento de um pensamento crítico acompanha a atualização contínua da realidade, em conjunto com seu objeto de análise (42), tomando como referência mó

---

(41) M. Foucault ("La arqueologia del saber" Siglo XXI, Mexico, 1978) dedicado a uma análise, especificamente, à mudança e suas transformações, na descrição de um programa de trabalho para sua arqueologia, chamando a atenção para a conjugação de elementos de diferentes durações na estrutura da mudança.

(42) Hegel ("La phénaménologie de l'esprit", trad. Jean Hyppolite, Aubier, Paris, 1939), resume uma apreciação sobre este problema, dizendo que "a coisa, de fato, não é descrita por seu objeto, mas em sua atualização; o resultado não é mais que o todo efetivamente real..... Iguamente, a diversidade é antes o limite da coisa; ela está onde a coisa cessa".

vel o limite atual do conhecimento (43). A ênfase está por tanto, em ver o conhecimento atual como um limite de um processo em curso e não como uma forma estática. A reivindicação de que o processo de incorporação de acontecimentos à base dessa referência factual, introduz elementos significativos de confronto de estruturas heterogêneas, leva a valorizar a identificação de problemas - com a possibilidade de identificar problemas dominantes - como modo correto de aproximação dos problemas da história crítica da teoria.

As desigualdades estruturais no desenvolvimento fôra, possivelmente, um título sintético de um problema complexo, que envolve aspectos estruturais da expansão do capitalismo, dos modos específicos como prolifera a pobreza, da especificidade do primitivismo e do progresso técnico, etc. Este título poderia servir como referência dessas prioridades sociais, no enfocamento de temas problematizados pela crítica da teoria, abrangendo os dois lados do questionamento da teoria; o da teorização voltada para explicar os mecanismos de funcionamento dos sistemas econômicos tomados em seu conjunto, desde os espaços sociais onde se concentra a economia capitalizada; e o da teorização aduz os elementos contrapostos a esse movimento da teoria, partindo da realidade social das economias periféricas.

Num esquema de aproximação como este, ficariam mais inteligíveis as grandes oscilações experimentadas pelo pensamento teórico, entre uma maior ênfase na produção de um esquema geral de interpretação da teoria da produção, da

---

(43) *Esta operacionalização do conceito de limite da análise de problemas históricos aparece em Georg Simmel ("Problemas de filosofia de la historia", Ed. Nova, Buenos Aires, 1950), como parte de uma análise do problema de totalização dos acontecimentos.*

teoria da distribuição, de problemas específicos de mecanismos de funcionamento dos sistemas econômicos maduros, de uma teoria abrangente dos movimentos do capitalismo, da teoria financeira do capital, da teoria dos ciclos e da teoria dos preços. A apresentação de problemas de teorização do desenvolvimento corresponde, precisamente, às maiores divergências acerca do alcance e da significação da teoria do crescimento, face a constatações sôbre as condições sociais do sub-desenvolvimento. Assim também, as críticas posteriores à identificação dos problemas teóricos do desenvolvimento com os problemas formais da teoria do crescimento, correspondem a uma crítica das diferenciações entre os problemas genéricos dos movimentos de crescimento das economias, e os problemas específicos, próprios das economias periféricas atingidas pelas mencionadas desigualdades estruturais do desenvolvimento e às condições sociais do sub-desenvolvimento, tal como se apresentam, respectivamente, em países semi-industrializados e em países pouco industrializados e com sistemas rudimentares de comercialização. A ênfase nos problemas de desigualdades estruturais no desenvolvimento das economias capitalísticas - compreendendo suas diversas formas de institucionalização política - reflete uma apresentação dos problemas sociais da economia, tal como são experimentados pelas economias não centrais à formação de riqueza.

Assim, é possível usar a revisão em retrospectiva da teoria como um meio de recuperar o conhecimento dos movimentos que, ao deslocar a ênfase da análise teórica de um campo a outro, deixaram um sedimento de conhecimento passível de ser avaliado sob uma perspectiva histórica mais ampla e aproveitado.

Este seria o sentido de uma avaliação crítica atual das teorias do ciclo econômico, que se superponha às análises operativizadas e a curto prazo, dos movimentos financeiros das economias, revendo como têm se modificado os perfis

de propagação dos movimentos cíclicos entre a estrutura da indústria, a economia urbana e o mercado financeiro. Poderia ser uma retomada da questão cíclica, em que se atualizem as informações factuais sobre o comportamento das aplicações de capital em setores que reproduzem a demanda de bens de capital e em linhas de atividade que se articulam com a produção dos bens de consumo de massa. O atual interesse com o funcionamento da economia a escala mundial conduz, por força, a uma revisão dos fundamentos do tratamento dos problemas cíclicos e uma avaliação desta pesquisa teórica frente à colocação dos problemas relacionados com os principais setores da produção. A análise comparativa da planta agro-pecuária e agro-industrial frente à indústria, aos setores integrados de energia e transportes, oferece uma perspectiva de análise que, ao superar as definições habituais de setores - ao misturar setores - volta a valorizar as repercussões dos movimentos globais da economia, na estruturação de seus diferentes setores, ao tempo em que as interdependências entre estes perfis gerais e as transformações que se operam ao nível das empresas. Do mesmo modo, esta perspectiva mostra a significação de uma análise das inter-relações entre a economia urbana e a rural, mostrando como se superpõem movimentos de diferentes durações, refletindo-se sobre a estruturação de um equipamento urbano e de sistemas de infra-estrutura, com suas ramificações regionais e suas concentrações urbanas.

Assim, com toda sua significação de revisão de método, a crítica histórica da teoria tem a função principal de por em evidência uma relativização do conhecimento econômico e portanto, das reais possibilidades de aplicação deste conhecimento teórico para análise de problemas específicos atuais, contrapondo-se ao sentido de infalibilidade das análises derivadas de teorias cujos fundamentos sociológicos não são expostos a crítica.